



EIXO 7: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES EM PERSPECTIVAS FEMINISTAS, INTERSECCIONAL, DE GÊNERO E RAÇA

SAÍDAS DO ARMÁRIO: RITOS DA CONFISSÃO DOS PROFESSORES PARA UMA VIDA DO LADO DE FORA

Antonio Carvalho dos Santos Junior

SEC-BA

antonioprofessor13@gmail.com

Resumo

A investigação aqui apresentada foi realizada com professores negros e viados do Vale do São Francisco, nos territórios semiáridos, no estado da Bahia. A investigação se deu por meio de entrevistas narrativas de caráter autobiográfico. O (auto)biográfico se apresenta aqui como terreno investigativo estratégico para produção de uma espécie de conhecimento que emerge das produções de sentidos elaborados pelos próprios sujeitos investigados, estes que são tomados como investigadores de si, haja vista que eles são convidados a refletirem sobre suas próprias trajetórias, investigando assim seus percursos formativos no momento mesmo em que se põem a narrarem o vivido. Os sujeitos são aqui chamados de pérolas, cada um com uma cor, num movimento que singulariza ao tempo que generalizar, pois todos partilham identidades. O armário é uma metáfora epistemológica importante na explicação das trajetórias de vida/formação do viado. Opera na tensão entre o público e o privado, ora exigindo que se mostre, ora obrigando que guardem suas identidades e identificações sexuais. No dicionário português, “armário” é um substantivo masculino: “Móvel em forma de caixa alta, com prateleiras, que serve para guardar roupas, louças, papéis etc.”. Ele é então lugar de guarda, de tirar da vista pública aquilo que não é desejável mostrar. Desse modo, o armário é um dispositivo tático, acionado todas as vezes que se façam necessárias – seja quando temos que voltar para dentro dele, como subterfúgio de proteção da própria existência pela ameaça externa, seja quando somos empurrados para dentro dele em situações de constrangimento, seja quando precisamos sair explosivamente de dentro dele como ato de resistência contra a demarcação do desejável em relações das mais imediatas de existências dos corpos viados. Sair do armário é transposição de barreira importante diante da família, feita em gestos quase ritualísticos da confissão. Localiza-se então nos nódulos de tensão entre o negar a sexualidade e garantir a proteção do núcleo familiar ou



afirmar e correr o risco e a insegurança pela não aceitação da família e da comunidade. Segundo Sedgwick (2007), o armário é uma presença ao longo das trajetórias de vida das pessoas gays. Ele pode se estabelecer em múltiplas relações, em diferentes frentes e dimensões da vida. São raras as pessoas gays que não vivam dentro do armário em alguma das múltiplas interações sociais vividas. O armário é um móvel sempre presente na vida do viado. Ele está lá, à sua espera, por mais esforço que se faça para viver fora dele. Há sempre situações que lhe convidam a guardar dentro dele aquilo que não se pode ou convém mostrar. Uma força imperativa que diz para se comportar, seja para conseguir e manter uma vaga de emprego, seja para evitar uma situação de agressão, seja para fazer parte da comunidade negra a que pertence, seja para o cultivo da fé, seja até mesmo para a manutenção da relação materna. Um armário que guarda o segredo e os gestos mesmos das mãos, levadas a se conterem em diversas situações. A saída do armário também se faz como gesto estratégico que marca a memória, o momento onde se assume publicamente a orientação sexual em gesto confessional. A relação com a família e a comunidade religiosa aparece como uma força que empurra os sujeitos para dentro desse móvel. Sair então é dizer o que se é publicamente, como num rito de confissão ou por acidente, onde o sujeito é pego num flagrante e já não pode mais esconder o segredo no armário. Nas histórias das nossas Pérolas, a memória também está marcada pelo momento estratégico da saída do armário. Pérola Preta nos diz que entrar na universidade foi um momento crucial na sua vida, pois lhe possibilitou acessar conhecimentos que o fizeram enxergar o mundo por meio de outras perspectivas. Pensar sobre as questões raciais e as desigualdades entre brancos e negros foi muito importante na sua formação de pedagogo. A Pedagogia o levou também a questionar o discurso teológico da igreja que argumentava de uma existência pecaminosa da homossexualidade. Sua graduação na UNEB foi a porta de entrada para descobertas de outros mundos possíveis. As disciplinas estudadas ofereceram outros lugares argumentativos na percepção da realidade. O movimento estudantil possibilitou um conjunto de vivências mobilizadas pelo encontro com os demais estudantes de diferentes instituições universitárias, encontros orientados pelo questionamento da realidade política vivida por esses sujeitos. Sua saída do armário aconteceu então num movimento de saída da igreja ao entrar na universidade. Para isso, foi necessário distanciar-se da sua mãe e da sua comunidade. Saiu de casa para morar com uma irmã a quem podia confiar o seu segredo. Afastou-se do seu núcleo familiar e comunitário para ter a liberdade de ser quem se era, o que lhe possibilitou experiências



até então impossíveis de serem vividas no contexto anterior à universidade. Reconheceu afirmativamente a negritude, uma identidade racial começou a ser construída na contestação dos lugares subalternos relegados historicamente ao povo negro, no questionamento do seu próprio lugar periférico. Vestiu saias em eventos da universidade, teve suas primeiras experiências sexuais com outros homens, estabeleceu relacionamentos amorosos. Começou a postar coisas em suas redes sociais na internet que claramente diziam da sua homossexualidade. Nossas personagens trilham caminhos fora do armário, no entanto esse móvel está sempre presente nas suas vidas, sendo necessário volta e meia repetir o gesto de saída dele para afirmar identidades e fazer resistência às relações vividas por elas ou por outras que compartilham a dramaturgia das suas existências. Pérola Vermelha (2023) nos diz que o armário também está nas relações escolares. Defrontamo-nos com ele em vários momentos em nossa trajetória. Em uma das escolas em que ele trabalhou, passou por uma situação em que se viu tendo que sair publicamente do armário diante de toda a escola. Isso em resistência à tentativa de lhe empurrarem para dentro dele.

Palavras-chaves: Armário. Viado. Professores.

Referências:

SEDGWICK, Eve K. **A epistemologia do armário**. Cad. Pagu, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007.